



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua, de Paço Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesa

Guimarães, 7 de Maio de 1916

Ingratatóes!

E' demais. Um país em que para nula fadiga dos leitores se tornam de menor formato as gazetas e mais *peneiradinhas* as notícias; uma terra onde o lavrador vê o seu milho tam paternalmente *guiado* diurna e nocturnamente para, só pela calada, subir de 8 a 12 ou 14 tostõezinhos cada novo alqueire, bem como o vinho, azeite, feijões, trigos, etc., já lendários em preço e amostras qualitativas e quantitativas, um jardim, um eden de promessa onde há descontentes até, porque pedindo 30 quilos de farinha apenas, para maior comodidade na jornada, lhe vendem 15!!...

E se houvesse pobreza nesse país da odorante laranjeira, vá! Mas quem ignora que circulam mais de cento e tantos mil con-

tos em lindíssimas notas, aumentando estas semanalmente uma ninharia de 1.600 e tantos contos!

E ainda se não fala em oiro, prata, nikel e bronze que poucos cidadãos usam por quasi não ser moda!

Haver caras tortas, bicudinhas?!

Farta, tremenda e mal cabida praga!

Se ninguém se lembrasse que o Pai do Céu ainda deixa lamber, lá uma vez por outra, a fatia do pão de ló de Guimarães (marcas Avelino ou Varandas) ou de Margaride (D. Leonor); que ainda há muito arrozinho, açúcar, café, chá, mandioca e tapioca, *verdes* e lenhas, vinhos maduros e amêndoas...

E a briosa mocidade académica, com *férias talactísimas* na Páscoa e em vésperas de usarem banda e espada, terá di-

reito à exquisitez de fazer beicinho parodiando as tricaninhas quando lhes dizem o último e saudoso adeus?!

País ideal, onde já é milagrosa a morte por indigestão, descarrilamento nos eléctricos e combóios e ainda impossível por falta de *remédios*, eu te saúdo e comigo todos os felizes *côdeas* que ainda usam bigode sem pagamento de direitos!

Nada! E' urgente que seja degredado quem não queira contribuir com uma carinha airosa, e amavelmente aprovadora desta *quadra de espigas e vacas gordas*!....

As *Venturas e Felicidades* são tamanhas que é raríssima a casa que as não tenha, até como criadas, quanto mais como meigas protectoras!

Ingrata gente! feios!

E'NE I ZÊ.

O Pardal na depenicadela

O que elas fazem

Um mancebo de Sardoura, vendo-se iludido e fortemente enganado pela loura jovem que era o encanto da sua vida e o enlêvo da sua alma, vendo-se perdido e transtornado, sentindo na garganta aquele terrível talo que sobrevem sempre que estas coisas fáceis de amor tem fim macabro, agarrou numa pena e escreveu para o «Janeiro» de sexta-feira p. um comunicado, sentindo-se bem naquela prosa quente, inflamada e calcinante, tôda a dor dum coração que sofre, todo o martírio e desespero duma alma que chora e dá ais.

Recorda com saudades o passado ridente e alegre, essa quadra primaveril dos primeiros amores e dos primeiros beijos.

Recorda, e logo entristece, porque cedo sobreveio a quadra triste do outono áqueles dois corações em botão.

E que tristeza!

Sente-se no decorrer da carta o desabar de tantas coisas belas e lindas...

E' triste!

E a prosa é triste também: é lamechas, maricas, amaçada em lágrimas.

O apaixonado, quando escreveu a carta, sentia na alma o espicar agudo do desprezo, tendo sobre a cabeça o pêso bruto de todo o desespero.

E escreveu bem e muito: muitíssimo mesmo.

Escreveu de mais.

Veio chorar em público, veio carpir a sua dor, desabafar com os assíduos leitores do «Janeiro» em 165 linhas que a 6 centavos a linha veio-lhe a ficar a *carpidela* por 9 escudos e 90 centavos.

Se fôsse da nossa fôrça nem 25 gastava.

Vamos agora a umas passagens da dita:

...vou ausentar-me e tentarei

esquecer a desdita que tantas ingratidões me deve.

Vê sr. Feliz, aqui está outro que vai ausentar-se. Pensa pelo seu pensar.

E' mania?

Não. E' práctico.

Quando a vida não corre, um home que remédio tem senão mecher-se!...

Boa!

Que devo eu agora fazer em face desta eventualidade?

Enforçar-se, senhor, enforçar-se, para não voltar a cair noutra.

Se foge, se se ausenta, apparece-lhe outra Deusa rainha das mulheres, como você julgava a sua, que o tenta, e dentro em pouco você tem de gastar mais 900 noutra *carpidela*, e hoje em dia a vida não está para brincadeiras.

Enforque-se para ver se alguém mais segue êsse exemplo.

Há tantos que sofrem do mesmo mal!...

*

O Sindicato Agrícola do Lourinhã ponderou ao Sr. ministro do trabalho a necessidade urgente de fixar o preço do sulfato de cobre nacional.

Mau!

Qualquer dia não há sulfato.

*

Quando eu morrer, minha louca,
Que a minha cova serena
Seja a covinha pequena
Que tens ao canto da bôca...

(Da G. da F.)

*

«Os sociologos alemães, apreensivos com a decréscencia da natalidade, não tem dúvida em aconselhar uma bigamia razoável.»

(Do Janeiro).

Resolvo agora casar-me
Vou deixar o celibato,
Visto a lei facultar-me
O poder mudar de prato.

E' uma coisa aborrecida
Que todo o mundo receia,
Ter sempre a mesma comida
Ao almoço, jantar e ceia.

Porém agora os *germanos*,
P'ra não ficar sem soldados,
Permitem que os Lusitanos
Possam *trincar bons bocados*.

Vou passar além fronteiras
Pois aqui ninguém m'apanha,
Ficam as Lusas solteiras
E vou casar n'Alemanha.

Serra do Pilar.

JACO.



Correspondência

◆ CAIXA ◆

Ozodrac — Sóp'ra semana; não houve espaço.

A. Lemos — Lá foi o dia 2 e nós nada; eclipsar-se hia?

Marleas — Ora essa porque não gentil! e nós para as senhoras que somos um bijou. E' capaz de não acreditar.

Joaninha — Então em Barcelos também há disso? Palavra que não acreditaríamos se a menina nós não dissesse, mas tenha paciência, vão até ao caixão do lixo. São abrajeados de mais.

Jona — Se V. Ex.^a quizesse ver as meninas Vimaraneses fulas, capaz de nos comerem, era publicál-os. Teem a mesma sorte que os do visinho.

OPINIÕES—OPINIÃES

OPINIÕES

Do «Jornal de Notícias»:

No teatro Gil Vicente, a companhia dramática portunense, da direcção do actor sr. Correia Peixoto, levou ontem à scena a revista "Ai que fita!..". O público, que enchia por completo aquela popular casa de espectáculos, visou alguns números, riu e aplaudiu com calor a peça de que manifestou colher boas impressões.

Com efeito ela desperta o bom humor e o desempenho foi correcto.

Tomou parte o distinto amador nosso amigo, sr. Teixeira Jacinto, dançando com arte o "Tango argentino". Hoje repete-se a representação.

Idêntica noticia publicava o diário «Primeiro de Janeiro».

Do «Repúblicano»:

Teatro Gil Vicente

Foram duas enchentes que teve este teatro nas noites de domingo e segunda-feira, em que foi levada à scena a revista em 3 actos e 6 quadros "Ai que fita!..".

Aplausos ao actor Correia Peixoto, que no papel de policia 606 foi impagável de graça e de originalidade. Manuel Colmbra no papel de "Virelas", portou-se com tanta naturalidade que deu a impressão de que realmente era. A Cristiano de Mesquita lembramos que quando o público aplaudir qualquer número deve parar com a declamação até que terminem os aplausos; quanto ao desempenho do papel que lhe foi distribuído fê-lo com muita correcção. Ernesto de Freitas confirmou a fama de que vem precedido. Nêna Corona e Aurora de Freitas no dueto espanhol, fizeram-no com tanta originalidade que arrancaram à plateia fartos aplausos. Zina e Julia Peixoto no número dos garotos dos jornais, deram-nos uns verdadeiros garotos.

O nosso amigo Luis Teixeira Jacinto, por especial deferência, dançou com a actriz Nêna Corona o *Maxixe* e o *Tango*, sendo este número ovaçionadíssimo.

OPINIÃES

Do *critico* do «Vimaranense»:

Teatro Gil Vicente

A Companhia Dramática Portuguesa, sob a direcção do actor Correia Peixoto, levou à scena, nos dias 23 e 24 do corrente, no Teatro Gil Vicente, a representação da revista em 3 actos e 6 quadros "Ai que fita!..", que nos teatros de Lisboa e Pôrto obteve grande successo.

O desempenho da interessante revista, ornada com 20 números de musica, deixou muito a desejar, pois, à parte Correia Peixoto e Cristiano de Mesquita, que se houveram correctamente, os restantes intérpretes mal compreenderam os seus papeis.

A actriz Nêna Corona dançou bem o *Tango*, e se lhe não deu maior realce, foi porque teve a acompanhá-la um intruso, que de semelhante dança mostrou que não percebia nem patavina.

Meu illustre *critico*: não julgue que a sua *critica* me causa admiração!?

—Causar-me ia sim, se de facto o illustre Doitor ignorasse o que são vinganças.

—Acredita que as haja, não é verdade? Como eu também acredito que, durante toda a sua vida, tivesse encontrado um dia o réu a fazer a defesa do advogado.

—E' natural, pois não é?!?!

—O Doitor também nunca viu, o professor apanhar palmatoadas dos seus alumnos, por não saber a lição?!

—Acha irrisório?!

—Pois não se ria... nada tem de extraordinário.

—Mais extraordinário é o illustre dizer que o *autor e professor do Tango Argentino*, dançado no *teatro Gil Vicente*, de semelhante dança mostrou que não percebia patavina.

E peço vênia para poder transcrever um naco de prosa que me devia ter servido de epigrafe:

COICES

«Ninguém está livre de por êles ser atingido.

E só não os apanha, quem não anda por este mundo.

E' claro que o coice é próprio dos burros. E a existência destes é justificada por aqueles.

Mas também há muita gentinha, que, embora pertença à raça asinina, logo que *desce* a burro começa a manifestar-se; e atira cada parelha...

Mas agora reparo, e eu disse *desce*... Há alguns que até para chegar a burros têm que subir.

.....
Agora para manifestar ainda mais a sua simpatia pela minha pessoa, transcrevemos ainda do seu illustre jornal mais este bocadinho de prosa, visto que o muito digno cavalheiro ignora como se faz o serviço em tôdas as cidades, com referência aos bilhetes das empresas jornalísticas. Ignora que é com o talão rubricado, que a bilheteira fornece os respectivos lugares... Ora bolas...

Quando o representante do *Vimaranense* se apresentou à entrada do teatro com o seu cartão de identidade, que não pediu nem sollicitou, antes lhe foi oferecido espontaneamente pelo director da Companhia, exigiu-se-lhe que, para evitar abusos (que se não entendiam com o *Vimaranense*), fosse à bilheteira buscar um bilhete, em troca do qual o bilheteiro pretendia cassar-lhe o cartão até ao fim do espectáculo.

O nosso representante repeliu altivamente semelhante enxovalho, e recusou-se a entregar o seu cartão de identidade, preferindo comprar, como comprou, um bilhete, que pagou do seu bolso.

Aqui fica o nosso protesto contra o insólito procedimento havido para com a imprensa, como agradecimento pela forma gentil e generosa como recebeu a Companhia.

Fica pois provado que o *critico* do «Vimaranense» fez, da pena, navalha de ponta e mola para poder esfaquear a *Critica* e romper com a asneira. Ter-lhe ia sido melhor não ter escrito nada... e por hoje basta.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta; para instrumentos também de peles e ferrinhos; para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XXI

Não creio nas tuas juras,
Pois juras leva-as o vento;
Há quem, da própria vergonha,
Tire o melhor rendimento.

XXII

Padeirainha quem me dera
Na tua mão ser farinha;
Mal vai à casa onde o homem
Em vez de galo é galinha.

XXIII

Hei-de ir um dia ao Brazil,
Numa casquinha de noz;
Livre-nos Deus de quem fala
Com muito açúcar na voz.

XXIV

Não te importas, eu bem sei,
Que dos teus desdens me queixe;
E' bem certo êste ditado:
«Quanto mais burro, mais peixe.»

JOÃO BREJEIRO.



O Pardal em ceara alheia

Jura o padre Zé Caetano
pelo próprio solidéu
que um trabalho leva insano,
a guiar almas p'ra o céu.

Mas por toda a freguesia,
ondê a má lingua o arrasa,
diz-se que o mais que êle guia
é boas moças p'ra casa.

« O Pardal no Pôrto »

Pôrto 6.

Cheguei às 20, pardalisticamente falando, e cheguei bem, graças ao Deus dos Pardais. Na estação tive uma recepção espontânea da parte dos mais importantes pardais cá da Invicta que me comoveu até à penugem do sob-rabo.

Eram numerosos banqueiros, comerciantes, industriais, professores, deputados, senadores, empregados públicos e empregados desempregados, enfim, alto comércio, alta indústria, altas finanças e... até a Torre dos Clerigos parecia associar-se a tam grata manifestação, patenteando-me toda a sua magestosa altura, lá nas alturas da rua que tem o seu apelido.

Depois de muito cumprimentado, fui solenemente conduzido à sala de espera da Estação, onde sacudi a poeira e entrei no salão, qual numerosa cavalgada que se apeasse ao portão.

Seguida de uma injeção de cloro-putássicos discursos que me fizeram abrir o bico em oh! oh! de admiração e ah! ah! de sonolência ferroviária, a música do Zé da Gaita, composta de alguns membros (salvo seja) da maioria, rompeu com o hino de S. Gualter acompanhado à «boca schiuza» pelos circunstantes em número muito limitado, pois que os mais entusiastas já se encontravam libando pelas capelinhas da Rua da Madeira. Conduzido em padiola por quatro perfumadíssimos, *nuestros hermanos* até um luxuoso auto de 60 H. P. que me transportou vertiginosa e gloriosamente até ao *Provinciano Hotel*, uma espécie de hospedaria de gente honrada que explora as artes e as letras e às vezes... o dono da casa com umas ginginhas de S.^{to} Antão, um aperitivo por excelência.

De mistura com algumas artistas de 4.^a classe e coristas de 1.^a, que por ali «abundam», foi-me servido um opíparo banquete, que (perdoai-me conterraneos) fez-me

esquecer por momentos a negra crise dos comestíveis e bebestíveis que nos ameaça a exercermos o mister do Papuss.

O que foi aquela noite e o mais que se fôr passando, di-lo hei na próxima carta; se a vossa anciedade mo permite.

JOÃO PARDALÃO.



O Pardal no dicionário

Associar—Comer a meias.**Assombro**—A critica do «Vimaranense».**Assoprada**—Assobiada aos ouvidos.**Assúcar**—Mistela que nos custa os olhos da cara e negro como pés.**Assucaradas**—Meigas, doces, todas delcete...**Assustado**—Como eu ando por causa do «Vimaranense».**Astronomo**—Gajo que anda toda a vida na lua.**Asilado**—O auctor da critica dum semanário cá do burgo.**Atado**—Cidadão que se não atira. Nem com unhas, nem com lingua.**Atestado**—(De mau comportamento). O que eu vou passar a um critico dramatico.**Autor**—Cidadão que passa a vida a escrever e que não lhe chega p'ra charutos.**Austriacos**—Chapeus de pelos mas que vão tomando sintomas de capacetes. Vão ser proibidos em Portugal.**Autuar**—Mandar p'ra tabela.**Averno**—Onde eu queria estar, para não atutar certos madores.**Avesso**—Sítio por onde muita gente vê as coisas...**Azar**—Coisa que nos leva tudo.**Azedas**—Como elas nos ficam, quando pedem passeios de automovel.**Azul**—O ceu de Portugal.**B**

DR. XABREGAS.

O Pardal para Mademoiselles

Mantilha posta em desvairo,
Mãos unidas a rezar...
É a visão que eu desejo
Na harmonia do meu Lar!

A. A. MESQUITA.

* * *

A *Saudade*, é o punhal que atravessa constantemente meu coração, já quasi vencido pelas cruentas dores.

* * *

A *Esperança*, é um cofre, grande como o espaço, belo como o azul do mar, radiante como as constelações do firmamento, em que se guardam as desilusões da vida, os sorrisos e as lágrimas.

* * *

O *amor* e a *amizade* quando são do coração, vivem imortais, sôbre a esfera do temeroso rugir do oceano da vida.

* * *

O despertar do *amor* no coração de mulher, é como o romper de aurora para as avesinhas.

* * *

Nada há mais forte que o destino. Por mais intelectual que sejamos, nunca poderemos escrevê-lo, nem mesmo os sentimentos que em nossa alma se aninham. Quantos há que, atraídos pelo destino, se elevam irreflectidamente aos ideais não compreendidos? Quantos há que pelo refulgir duma ateição semi-morta, não se vão prostrar nos mais incógnitos abismos.

* * *

A separação é o guia que nos conduz através do tenebroso caminho da vida, fazendo-nos antever longe, muito longe, um belo jardim amado das mais belas flores, ao qual poucas vezes conseguimos chegar.



—Adeus, oh tu! como estás?
Parece que andas fugido?!
Não receies, faz como eu:
Também hoje estou caído.

Acharam-me original,
Gordo, de pernas arcadas,
E com fôrça para dar,
Num qualquer, duas lambadas.

Anda d'aí, um instante:
Ali, ao Souto, jogar,
No bilhar, cem carambolas.
Nem no taco hás de pegar.

E no fim (vá lá! vá lá!)
Duma tremenda lição,
Te ofer'cerei a cerveja
Que me vês aqui na mão:

Oferece sempre um agente,
Do que vende, a toda a gente.

ÓSCAR DINIZ.

Quadras irreverentes

(Ao J. Brejeiro):

I

«Se vir's a mulher perdida
Não a trates com desdem.»
Há muita joven fidalga
Que apenas conhece a mãe.

II

«Vês aquela que ali passa
Toda triques à beirinha?
A brancura do seu rôsto
São três quilos de farinha.»

III

Aquel'outra que ali vai
De riquíssimo vestido,
Tem todas as contas pagas
Pelo tio do marido.

IV

Se as cadeiras dos *cinémas*
Falar pudessem um dia,
Quanta menina bonita
De repente cõraria!

V

O filho do Estanislaw,
Do primo é fiel retrato;
Há muitos casais de brancos
Que têm um filho mulato.

VI

Acabam de me dizer
Que breve tu vais casar.
Qual será o desgraçado
Que terá que te atufar?

VII

Fôste na Semana Santa
As igrejas visitar.
A' porta duma disseste:
—«Preciso de me casar.»

Pôrto, Abril de 1916.

EDURISA.



Sem pés nem cabeça

—Pois é verdade, é, sr.^a Josefinha. Os filhos d'hoje são mesmo uma desgraça. Uma pessoa toda se mata, a inducá-los, anda a tirar à boca para lhe dar, e, ás duas por três, o pago que arrecebe é o que se vê.

—Antão? são sortes, sr.^a Bitorinha. Uns são os paes maus e os filhos bõs, outros são os paes bõs e os filhos maus.

—Eu ó que vejo, sr.^a Josefinha, inda num tenho razão de queixa, isso é berdade. O meu António é munto amiguinho de trabalhar, num me gasta nem cinco reis da sua fêria e lá em pandigas de noite num se mete.

—Tamem eu num digo que o meu num seja bõ. Mas se le ralho já num está munto pra me oubir. E' berdade que ele já fez dezoito anos...

—Pois vinte e um tem o meu e é prá ali... uma pessoa tamem precisa sopeá-los, que do contrairo eles antão fazem o que querem.

—Não que eu o meu tamem o sopeio o mais que posso... mas lá o bir cedo pra casa, é que é um inferno. Antão agora meteu-se ahi numa sociedade de culidosos, desta coisa d'altos que arreparentam no triato, e de maneiras que ele diz-me que bae lá prós ensaios, e aqui-de-Deus que num pode bir mais cedo.

—Ai, antão ele tamem é culidoso?... Mas pra essa coisa sempre é perciso ter cabeça...

—Não que lá isso tem ele... não imagina. Eu inté às bezes me rio cá comigo, porque o dianho do rapaz tem sua graça.

—Ai, ele se acauso tiver queda pra essa coisa, olhe que inté é uma carreira munto bonita.

—Ah! num faz indeia! Olhe, ele bae-se-me á colcha lá da cama, amarra-a assim na cabeça co'um atilho e bae ó despois e começa a dezer assim pra uma cadeira:— Eu sou o rei catamanhas binta nove... eu num quero a desinfelicidade do meu pobo; porque o meu pobo, sim... o meu pobo... espere lá... deixe-me ber se m'alembra como ele diz, que é uma pessoa perder-se mesmo a rir.

—Antão o rapaz, já bejo que tem queda...

—Num immagina... é uma coisa, que aquilo nem se explica. Ah! outras vezes põe-se a dezer:

—Sim, senhor conde! é necessario saber como isso foi.

E põe-se lá com o conde p'ra cima, o conde p'ra baixo, que inté às bezes parece que está mesmo a falar com alguma pessoa.

—Pois se o rapaz tem assim uma queda pró triato, no seu logar eu cá deixaba-o, que isso é bõ. Isto de comicos ganham munto vem a sua bida.

—Eu cá por mim num le peço... Deixo-o lá. Que ele se fosse lá pr'a essa coisa do triato, enfim... num sei... mas aquela gente num tem munto bõ fama.

—Ai, lá isso de bõ fama num tem ela. O' pé de mim morou uma bez lá uma comica e quer que lhe diga? sempre ferrou cada calote... Só numa benda, donde eu tamem era fregueza, só d'azeitonas ficou ela a deber cincoenta mil reis!

—Credo! Abrenuncio! cincoenta mil reis só d'azeitonas?

—E' berdade!

—Está bõ, está bõ... sempre são comicos e vasta.

—Isso é berdade, sr.^a Bitorinha. Ora deixe-me ir lá à minha bida.

—Bá, bá com Deus, que são horas, adeuzinho.

—Até despois, sr.^a Bitorinha.



Para entrar

Cavalgando no Pegaso, meu amigo,
Eis aqui um vate formidando;
Que á vossa porta desmontando
Vos pede a permissão que já lhes digo.

Desejava—se nisso não ha p'rgo—
Nas azas do "Pardal", ir rabiscando,
P'ra fama de poeta ir conquistando,
Pois se tal conseguir *chamo-lhe um figo*.

Mas não sendo aceite este pedido,
Ainda que de vós seja banido,
Fagueiras são as esp'ranças que me restam;

Serei pronto no gabo manifesto
Que ao menos escrevo para o cesto
Que recebe os papeis que já não prestam.

Serra do Pilar.

JACO.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Eu também tenho drogas em ol.

R. Dias.

Eu em ol e ois só tenho lençóis.

Costa Soares.

Perco em carros, mas ganho em coiros.

Cosme.

P'rá freguesia sou mesmo um enosso.

Salgado.

Sou Virgem, sou Santos e sou...

Virgem Santos.

Vou até ao escritório.

Correia Peixoto.

E eu vou ver se encontro quem me ensine a dançar.

Jacinto.

As roscas da D. Leonor são uma delícia.

Patrício.

Sou um profeta mundial.

Monteiro Júnior.

Para apanhar a Palita preciso de ir ao Brasil.

Pereira.

Ai o Virelas! o Virelas!

P. da Silva.

V. Ex.^{as} admiraram-se de na Páscoa não terem o deleite de apreciarem a bela rosca fabricada em minha casa! Tenham paciência; no Natal contem com ela em abundância.

M. Fernandes.

A vida está cara e afinal ninguém compra herva para plantar.

Vieira Castro.

Lá foi o Castelo pela água abaixo. Mas eu subi de posto: já sou cabo.

Couto.

High-Life... laife e outras coisas a terminar em laife.

Gonçalves.

O Pardal na galeria

Teatro Gil Vicente

AMOR
DE
PERDIÇÃO

Aviso—Esta peça não se repete.

CINE

High-Life—Vida Vendida, 4 partes, série de ouro.

Várias

Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade o nosso distincto colaborador e hábil secretário da redacção «Pontas de Fogo», o sr. Eduardo dos Santos (Eduriza).

Está hoje aberta ao público a farmácia Normal.

Recebemos dos nossos amigos Justino & Valença um lindo Carnet—Tailleur pour damas,—em que primam, não só pelo bom corte, como fino artigo. Recomendamos.



O PARDAL NO CARNET

Nos dias 7, 14, 21 e 28 do corte, encontra-se em exposição nos baixos do edificio do Asilo de Santa Estefânia uma linda colecção de trabalhos confeccionados pelas asiladas e bem assim uma selecta variedade de rosas expostas por diversos amadores vimeiranos e pelos conhecidos horticultores portuenses, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

A exposição abre todos os dias à 1 hora da tarde e fecha às 7 horas.

A entrada é de 50 réis.

Em viagem de estudo, estiveram nesta cidade os alunos do

Instituto Superior Técnico, de Lisboa, acompanhados de três professores, sob a direcção do professor Abram Droz.

Visitaram diversas fábricas e os principais monumentos da cidade.

Os alunos da Escola Académica foram na passada quarta-feira, em passeio recreativo, ao Bom Jesus do Monte.

Tem estado bastante doente, experimentando já sensíveis melhoras, o sr. dr. Alberto Lobo.

Está completamente restabelecido o sr. dr. Alfredo Peixoto.

Afim de se submeter a uma melindrosa operação, recolheu a um quarto particular da Santa Casa da Misericórdia a sr.^a D. Ana Emilia Leite Correia Azeinha, esposa do sr. Abilio Fernandes Guimarães.

A operação já foi feita, resultando felicíssima.

Na sua casa de Povóvaras, S. Torquato, faleceu o sr. José Mendes Ribeiro de Sousa Guimarães, proprietário.

Por motivo de doença, foram concedidos mais 30 dias de licença ao deputado evolucionista e professor do Liceu, sr. Cónego José Maria Gomes.

Em virtude de uma queda que ultimamente deu, tem guardado o leito a ex.^{ma} esposa do sr. dr. Henrique Margaride.

A Comissão Executiva da Câmara, por proposta do sr. presidente, resolveu dispensar do pagamento da taxa da matricula de carros os lavradores caseiros, que provem por documento passado pelo regedor que o carro respectivo é exclusivamente empregado nos serviços agrícolas e não em carretos, pelos quais recebem aluquer ou frete, mantendo-se, porém, a obrigação da matricula e numeração do carro.

O PARDAL NA SECCÃO LITERARIA

A PAZ

(Versão libérrima)

(Ao Luis Jacinto):

Acabai todos com vossos rancôres!
Que volte a paz aos lares desgraçados!
Sêde só para a vida lutadores!
— Os vossos filhos 'stão esfomeados. . .

Deixai p'los vastos campos nascer flôres,
E recolhei os trigos sazonados. . .
Tempo é de terminar todas as dôres,
E de curar as f'ridas, os pecados. . .

¿Pra que vos matais? Pesa-vos a vida?
Por aí, tanta lágrima vertida! . . .
Tanta mãe a morrer de grande dôr! . . .

Findai a guerra. Não vos mateis mais.
— Quantas crianças sós, sem os seus pais
— Quantas mulheres sem o seu Amôr! . . .

(Inédito).

Porto—1915.

EDURISA.

O MEU AMOR

(Ao Ex.^{mo} Sr. Amadeu Carvalho):

Sempre que o vejo no meu lar,
Da casa onde nasci por meus pecados,
Meu coração não deixa de chorar
Choros incompreendidos, maguados.

Choros sentimentais que o meu olhar
Quando olha Seus olhos namorados,
Não poderá esconder nem abafar
Aos olhos dos que passam descuidados. . .

Porque tanta tristesa, tanta Dor,
Quando Te vejo meu bendito Amor
Passar à minha porta. . . friamente?

Ninguém o sabe, e se preciso fôr,
Nem eu o sei, mau grado tanto ardor
Nesta minha Paixão impenitente. . . .

ANÓNIMA.

Saudades do passado

(QUADRAS)

Quem me dera ser criança,
Ter livre meu coração,
Sempre imerso na «Estrançã»,
Nunca prever a paixão.

Ser ainda pequenino
Alegre mas inocente,
Ter o espit' to diamantino
Mas minh'alma não dolente.

Viver sempre na alegria
Sempre junto do prazer,
Pois assim não sentiria
Meu coração a sofrer.

Não sentir 'inda o amor
— Chama ardente e dolorosa—,
Sempre no sangue o calor
Duma vida delectosa.

Ter de mãe só os carinhos
Que dão vida ao coração,
E nos guiam nos caminhos
Escabrosos da ilusão.

Passar a vida a cantar
Numa alegria incessante,
Sempre a rir, sempre a folgar,
Sob a luz dum sol brilhante.

Quem me dera, ai quem me dera
Nesses tempos de criança,
Em que ao sol da Primavera
Alegre, qual pomba mansa,

Ir p'rós campos brincar
Numa doida correria,
Sempre contente a saltar,
Sempre cheio de alegria!

Guimarães, Maio de 1916.

A. F. F.

Flôres de Maio

Não lhe toqueis, ó gentes que chorais
ascos terrenos—pús, gangrêna e dor—.
Não lhe toqueis que ainda entre os mortais
há quem admire uns laivos de candor.

Não lhe toqueis que os astros siderais
foram feitos assim, de seu fulgor,
e, eu na terra o mais triste dentre os mais,
quero para minha alma a sua côr.

Não profaneis as pétalas do Lírio
que se eleva da terra como um círio
aceso à gratidão celestial. . .

Se chora, oculto à sombra da romã,
com lágrimas de rocío da manhã. . .
Também eu! . . . Ele chora o mesmo mal!

Maio de 1916

R. E.

